

Tese de doutorado¹

RODRIGUES, Maria Isabel Batista². **Infância e formação do ser social na contradição capital e trabalho**: experiência em território quilombola na Amazônia paraense. 2025. 289f. Tese. (Doutorado em Educação na Amazônia) - UFPA, Belém.

Resumo expandido

O presente texto apresenta síntese do trabalho de doutoramento realizado junto ao Programa Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) – Associação em Rede – EDUCANORTE, da Universidade Federal do Pará (UFPA), da linha de Pesquisa: Estado, Políticas Públicas e Gestão da Educação.

Nesta investigação, analisamos como crianças da comunidade quilombola de trabalhadores agricultores de Mupi-Torrão, município de Cametá, da Amazônia paraense, são formadas pelo trabalho, considerando suas subjetividades, entendendo-as enquanto sujeitos de um pensar-fazer que poderiam, a partir de mediações do trabalho, manifestar modos de vida opostos às sociabilidades do capital.

Em termos metodológicos, desenvolvemos uma pesquisa de cunho qualitativo, com base em Minayo (2016) e Lüdke e André (1986), pautada no materialismo histórico-dialético (Kosik, 2002), considerando-se os princípios formativos do trabalho do ser social criança em uma dimensão de ações decorrentes da realidade social quilombola, com uma dinâmica de formação do trabalho como produção da vida, de relações e de subjetividades.

Para tanto, nossas imersões na comunidade, ocorreram nos anos de 2023 e 2024, período em que percorremos diferentes espaços da comunidade: igreja, escola, barracão comunitário, casas de farinha, propriedades dos trabalhadores e diversas

¹ Tese Recebida em 05/03/202. Aprovada pelas editoras em 04/04/2026. Publicado em 22/04/2026. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i53.71427>

² Doutora em Educação na Amazônia pela Universidade Federal do Pará. Docente na Universidade da Amazônia/UNAMA. Email: r.mariaisabelbatistarodrigues@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6223575818203376>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8695-4157>.

casas de famílias da comunidade. Nesses contextos, realizamos observação, roda de conversa, entrevistas, registros fotográficos e notas de campo. A partir desse processo, constituímos como sujeitos da pesquisa 7(sete) crianças na faixa etária entre 6 (seis) a 12 (doze) anos de idade, bem como 6 (seis) adultos respectivos responsáveis por elas.

Para essa investigação, consideramos a formação do ser social criança no interior das contradições capital e trabalho, entendendo-a no contexto de luta de classes, partindo-se do entendimento de que “[...] toda contradição é um conflito de valor, tanto quanto um conflito de interesse [...] toda luta de classes é ao mesmo tempo luta acerca de valores” (Thompson, 1981, p. 189-190, grifo nosso). Trata-se, portanto, de luta por construção de subjetividades, de estruturas de sentimentos, conforme Williams (2011), bem como de valores, ideias, concepções de formas de organizar e produzir a vida.

Com base nessas considerações, orientamo-nos para a construção do seguinte problema de investigação: quais mediações formativas são experienciadas por crianças quilombolas em sua constituição como ser social, a partir da comunidade de Mupi-Torrão, do município de Cametá (PA), por meio do trabalho, que lhes potencializam subjetividades, identidades, modo de vida coletivo, emancipador e de autonomia, em oposição às subjetividades do modo de produção capitalista, pautadas na racionalidade de mercado?

Em termos teóricos, concebemos a categoria ser social a partir de Lukács (1978, p. 93), para o qual “O indivíduo é ente social. A sua manifestação de vida – mesmo que não apareça na forma direta de uma manifestação de vida comum, realizada ao mesmo tempo com outros – é, portanto, uma manifestação de uma afirmação de vida social”.

A compreensão do ser social criança foi compreendida a partir das relações socioculturais experienciadas em seus territórios, nas mediações resultantes da unidade trabalho-formação, partindo-se do pressuposto de que, conforme Netto e Braz (2008, p. 37), “[...] não há seres sociais singulares (homens e mulheres) isolados, fora do sistema de relações que é a sociedade, [de maneira que] [...] é na sociedade e nos membros que a compõem que o ser social existe: a sociedade, e seus membros, constitui o ser social e dele se constitui”.

Portanto, entendemos o ser social criança como um ser social e culturalmente definido (Kramer, 1986), sendo possuidora de história, decorrente de sua situação de

classe e/ou de um modo de organizar a vida oposta a essa realidade, considerando a materialidade de vida de povos e comunidades tradicionais, ocupando um espaço que não é só geográfico, mas que também é de valor.

Buscamos também a compreensão do trabalho como princípio educativo, conforme Gramsci (1977), permitindo entender, a partir do trabalho, que homens e mulheres, também em sua dimensão infantil, são constituídos enquanto seres sociais, com subjetividades pessoais, sociais e culturais, capazes de negar materialidades do capital, assumi-las e/ou constituir-se em uma unidade do diverso.

Partindo deste pressuposto, o trabalho e a educação se materializam em uma perspectiva pedagógica, dado que as propriedades da cultura e das atividades laborais são transmitidas e assimiladas no decorrer da vida, por meio da interação entre os sujeitos, via trabalho, e não adquiridas por meio das heranças biológicas de cada ser, ressignificando o trabalho também como uma dimensão intencional na vida humana, pois, além de garantir sua condição existencial, ele possibilita que os sujeitos se apropriem de todos os processos de produção, promovendo as relações sociais entre indivíduos.

Sob essa perspectiva teórica, assumimos o trabalho não como categoria meramente técnica e como produção de bens materiais, mas, sobretudo, como meio de constituição da subjetividade dos sujeitos que, diante das diferentes capacidades de trabalho, que são adquiridas no curso da vida, vão aos poucos aprimorando seu processo de formação, enquanto trabalhadores e trabalhadoras, diante de uma relação de trabalho que possibilita o reconhecimento do sujeito como parte pertencente do meio onde realiza suas atividades laborais.

Para além da introdução e das considerações finais, a tese está composta de mais quatro seções.

Na seção um, Comunidades tradicionais: território e relações econômico-culturais, construímos reflexões teóricas sobre o lócus da pesquisa, partindo-se do pressuposto de que, mesmo estando inserida no contexto das determinações do modo de produção capitalista, parece-nos resistir a tal tipo de organização, embora com atravessamentos desse último, mantendo a forma historicamente organizada de viver seus costumes e tradições, em moldes propostos por Williams (2011) e Thompson (1981).

Tecemos também reflexões sobre a importância do trabalho, por entendermos que ele é a condição fundamental para compreendermos os sujeitos e sua sociedade,

dando-nos condições de analisar quais mediações formativas as crianças da comunidade quilombola de Mupi vivenciam por meio do trabalho coletivo, que lhes potencializa para tomada de posição emancipadora e autônoma, em oposição às subjetividades do capital.

Discutimos ainda sobre comunidades tradicionais, território, modos de vida e relações econômico-culturais, diante de um contexto mais amplo, em uma sociedade que tem os rumos do processo produtivo (econômico e cultural) determinando as relações do ser social, em sua materialidade física, à qual o sujeito incorpora a condição de mercadoria, como meio de garantir a sua própria vida e a de seus pares, mas também para poder se opor a essa realidade com outras subjetividades.

Na seção dois, Formação humana integral e constituição do ser social criança: as contradições capital e trabalho, buscamos tratar da formação humana considerando o trabalho e a objetividade social dos sujeitos, ou seja, a relação instituída por estes, mediante a produção da vida, partindo-se do pressuposto de que “[...] o homem é o resultado de sua própria práxis [...]” (Lukács, 2013, p. 286), do que resulta a necessidade epistemológica de se analisar as singularidades presentes nos espaços onde a vida material e a atividade social acontecem.

Nessa perspectiva, focalizando o território e as relações de trabalho nele estabelecidas, compreendendo como se delinea a vida dos sujeitos e seus processos de organização social, cujo espaço-tempo de relações de poder onde a vida é produzida tem muito a elucidar sobre suas subjetividades, identidades, constituindo seu ser social, mesmo diante de uma realidade que intensifica diariamente as pressões impostas pelo mundo da produção capitalista, que se fortalece pela intensiva produção de mercadoria e não pela relação do comum entre sujeito, sociedade e natureza.

Na seção três, Subjetividades, identidades e configuração do ser social criança, aprofundamos a categoria subjetividade em sua relação com a categoria identidade, no sentido de que as identidades se constituem como formas de se compreender como as subjetividades são materializadas na constituição do sujeito social, com destaque para o ser social criança.

Em nossas análises, consideramos a categoria subjetividade, a partir de Marx (1969), que salienta que há, no interior das relações humanas mediadas pelo trabalho, um conjunto de sensações, ilusões, modos de pensar e visões de vida distintas e peculiarmente formadas sobre e a partir da realidade, indicando-nos que a

materialidade de produção e organização da existência humana produz também formas de atuação sobre os sujeitos.

Na seção quatro, Trabalho e modos de produzir a formação do ser social criança em comunidade quilombola na Amazônia, expomos nossas análises e achados fundamentados tanto na pesquisa de campo quanto nos pressupostos teóricos adotados. Neste sentido, destacamos que o povo da comunidade de Mupi tem com a natureza e o território uma relação de interdependência, sendo o trabalho o elemento mediador dessa relação, e a terra é a base da reprodução da vida.

As crianças participam junto aos adultos dos processos da produção da roça de mandioca, que se destina à fabricação da farinha, para o consumo do núcleo familiar, acompanham os mais velhos na coleta do açaí e, assim, vão experienciando saberes que são necessários para quem vive do trabalho na agricultura, realizam a atividade da pesca artesanal e passam a compreender que retirar do rio só o necessário para o sustento é viver experiências de cuidado e preservação com o meio que lhe gera vida.

Ademais, a reciprocidade, a ajuda mútua ainda dá base para a sustentação de um modo de vida que, historicamente, resiste ao sistema hegemônico de dominação no sentido econômico, social, cultural e formativo. Nesse contexto, ao participar do processo de trabalho, as crianças aprendem observando e fazendo, ou seja, o aprendizado ocorre em um processo de interação fundamentado nas experiências compartilhadas no ambiente comunitário, constituindo-se como aspectos fundamentais para sua formação de seu ser social.

Consideramos ainda que o viver do sujeito social criança quilombola de Mupi-Torrão pressupõe entender os processos formativos que experienciam para um pensar fazer-sentir para além do capital, no interior dos processos de trabalho de trabalhadores agricultores na Amazônia.

Referências

GRAMSCI, A. **Quaderni del cárcere**. Edizione critica. V. 4. Turim: Einaudi, 1977.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KRAMER, S. **Alfabetização: dilemas da prática**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**.

São Paulo: EPU, 1986.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a categoria da particularidade. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. V. 2. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O 18 Brumário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

NETTO, J. P; BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. Tradução: André Glaser. São Paulo: Editora UNESP, 2011.